Geopolítica da Oceania

Portugueses e espanhóis foram os pioneiros a aportar em terras da Oceania nos primeiros anos do século XVI. Os primeiros chegaram pela porção leste, e os segundos pela oeste. Em seguida, partilharam a posse de amplas áreas do Pacífico entre si. Muitas dessas possessões ibéricas foram sistematicamente atacadas por corsários e piratas holandeses e ingleses, reduzindo gradativamente a influência de portugueses e espanhóis sobre a área, nos séculos seguintes.

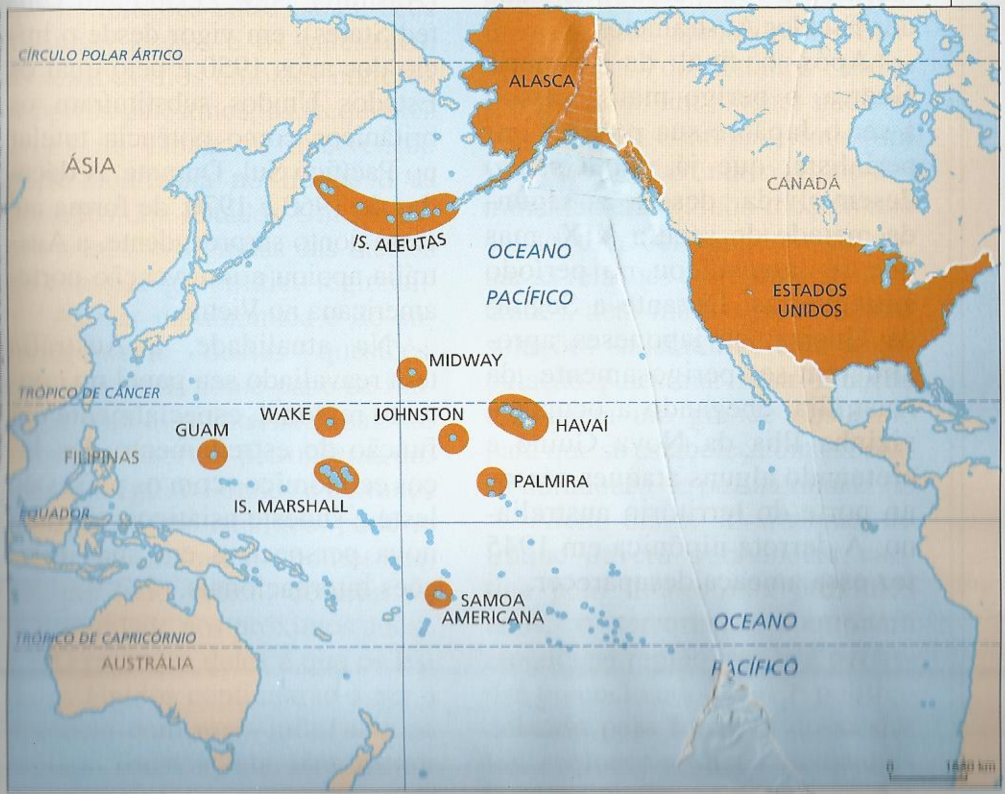
A implantação britânica na Oceania verificou-se ao longo do século XIX, especialmente a partir do fim das guerras napoleônicas, ao mesmo tempo em que a França fixou sua presença notadamente na Polinésia. Na segunda metade do século XIX, a competição imperialista na região acirrou-se com o crescimento da influência do Japão, Alemanha e Estados Unidos reivindicando o controle sobre arquipélagos e ilhas.

A história mais recente da Oceania pode ser caracterizada por uma série de retiradas sucessivas de potências imperialistas que ali tinham interesses. Assim, a Espanha perdeu seus últimos remanescentes coloniais em 1898, logo após sua derrota para os Estados Unidos durante a guerra hispano-americana. A Alemanha, que havia conseguido expressivas conquistas na região após 1880, perdeu todas as suas possessões coloniais depois de ter sido derrotada na Primeira Guerra Mundial (1914-1919). Essas possessões acabaram sendo apropriadas pelo Japão, Grã-Bretanha, Austrália e Nova Zelândia. Em 1945, foi o Japão que viu desaparecer seu império oceânico em função da derrota para os Estados Unidos e aliados, ao final da Segunda Guerra Mundial.

A vitória americana tornou os Estados Unidos a potência hegemônica do Pacífico, fato que se cristalizou quando a marinha do país instalou uma densa rede de bases militares não só nos arquipélagos conquistados no final do século XIX como também nas ilhas tomadas aos japoneses em 1945. O ponto estratégico mais importante do dispositivo de segurança dos Estados Unidos no Pacífico foi e continua sendo o Havaí, onde está situada a principal base do país na região. Durante a Guerra Fria a marinha americana reinou de forma inconteste nas águas da Oceania.

Fora o domínio quase absoluto dos Estados Unidos, vale destacar as posições mantidas ainda hoje pela França na região. Uma delas é o arquipélago da Nova Caledônia, onde os nativos locais, conhecidos como canacas tentam há décadas conquistar a independência. A outra é a região da Polinésia Francesa, mais especificamente o atol de MuruRoa onde os franceses realizaram experiências atômicas, fato que causou grande repúdio por parte da comunidade internacional.

O fim da Guerra Fria reduziu o valor estratégico dos microestados e dependências coloniais e semicoloniais da região, apesar do expressivo crescimento econômico registrado nas últimas décadas na região da bacia do Pacífico. Para alguns países insulares da Oceania, o problema maior é o aquecimento global que, ao acelerar o derretimento de parte das calotas polares, promove o aumento do nível das águas oceânicas, podendo levar ao desaparecimento de alguns deles, pois ficariam totalmente submersos.



A presença dos EUA na Oceania durante a Guerra Fria

A Austrália e suas visões estratégicas

Ao longo de mais de um século, as percepções australianas sobre as ameaças que pairavam sobre o país modificaram-se bastante. Assim, de 1890 a 1914, as preocupações geopolíticas da Austrália estavam ligadas à expansão naval alemã e ao império colonial que os germânicos construíam ao norte do território australiano. Sob certos aspectos, foi essa ameaça que acelerou a formação, em 1901, da Comunidade dos Estados Australianos.

Após o final da Primeira Guerra, o perigo maior passou a ser o Japão e sua política imperialista, que já vinha sendo desenvolvida desde a segunda metade do século XIX, mas que se intensificou no período entreguerras. Durante a Segunda Guerra, os japoneses aproximaram-se perigosamente da Austrália, chegando a ocupar a vizinha ilha da Nova Guiné e efetuando alguns ataques aéreos no norte do território australiano. A derrota nipônica em 1945 fez essa ameaça desaparecer.

Com o advento da Guerra Fria, a nova ameaça era a progressiva expansão de regimes comunistas em vários países asiáticos como na China, Coreia do Norte e no antigo Vietnã do Norte. Em face dessa ameaça, a Austrália, que em outras épocas sempre esteve aliada à Grã-Bretanha, alargou a aliança incorporando-se aos esquemas político-militares comandados pelos Estados Unidos. É nesse contexto que se deve entender a participação da Austrália, juntamente com a Nova Zelândia no pacto Anzus (Australia, New Zeland and United States), em vigor desde o início dos anos 1950 e pelo qual os Estados Unidos substituíram os britânicos como potência tutelar no Pacífico Sul. Durante as décadas de 1960 e 1970, de forma até certo ponto surpreendente, a Austrália apoiou a intervenção norte-americana no Vietnã.

Na atualidade, a Austrália tem reavaliado seu papel no contexto regional, especialmente em função do estreitamento dos laços econômicos com os países do leste e sudeste asiáticos, abrindo nova perspectiva em suas relações internacionais.